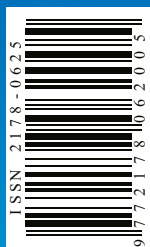


Revista **AgriMotor**

O agronegócio em destaque



SISTEMA DE DADOS DA EMBRAPA GERA ECONOMIA MILIONÁRIA

O uso da tecnologia
ajuda no crescimento do agronegócio

As exportações do agro estão quebrando
recordes todos os meses

DIGITAL



GOLIN

Nós estamos presentes e contribuindo, para o sucesso da agricultura brasileira! Consulte nossas soluções em serviços, desenvolvimento de peças e conjuntos, e produção de tubos.

Agrícola – Máquinas e Implementos
Automotiva - Leve e Pesado
Fora de Estrada

Unidade de Serviços
Peças e Conjuntos
Processos de corte a laser, curvas, solda, estampagem, pintura, fresa, componentes e acessórios agregados

Tubos Trefilados de Precisão
Especiais e Redondos

Perfilados Tubulares
Tubos Quadrados e Retangulares

Tubos Industriais de Aço Carbono com Costura
Cordão de Solda Interno Removido (RR)
Cordão de Solda Interno Alto (RA)

Energia renovável - sistema fotovoltaico

Qualidade Golin
BRTUV CERT,
NBR ISO 9001 e ISO TS 16949



Fone (11) 2147-6500
portal@golin.com.br | www.golin.com.br

4

EDITORIAL

6

PANORAMA

As exportações do agro estão quebrando recordes todos os meses



16

RELAÇÕES HUMANAS

Enfrentar desafios para alcançar o sucesso



20

INFORMAÇÃO

Sistema da Embrapa gera economia de R\$ 150 milhões



30

PLANEJAMENTO

Os desafios do agro

DESTAQUES

36

Como Será o Amanhã, Responda Quem Puder...



HENRIQUE ISLIKER PÁTRIA
EDITOR RESPONSÁVEL

Esta é a introdução de uma música que fez muito sucesso, há alguns anos, cantada pela Simone, mas que retrata bem a nossa situação neste momento.

Temos, de um lado, um Brasil pujante, principalmente no agronegócio, registrado em mais uma matéria exclusiva da Agrimotor, como temos feito nas últimas edições, mostramos números, gráficos e afirmações positivas, neste mês vindas de um dos principais consultores do agronegócio, o Prof. Carlos Cogo, de Porto Alegre, que nos mostra que o agro brasileiro não para de bater recordes. Continuamos sendo os principais produtores mundiais de uma série de produtos e nossas exportações têm alimentado boa parte da população mundial, em uma dinâmica que tende a se intensificar ainda mais.

Somos um país com terreno fértil, água e sol em abundância e condições climáticas favoráveis na maior parte do ano. Tanto é que nos damos ao luxo de termos duas um três safras anuais de algumas culturas, enquanto, quando muito, nossos concorrentes mal conseguem uma apenas.

Mas o que atrapalha nosso desenvolvimento? Neste momento passamos por mais uma “crise” institucional política, e não temos ideia de como e quando isso vai acabar. Nossos políticos, na sua maioria, em vez de nos darem os exemplos, contribuem para o travamento daquela que poderia já ser a terceira ou quarta economia do planeta, tamanha é a força de nosso potencial. Na verdade, a cada dia sentimos mais vergonha de termos homens públicos de tão baixa estatura ética e moral, nada preocupados com o que deveriam defender.

Mas deixando de lado essa questão que repetimos, não tem prazo para terminar, o nosso entrevistado principal diz que de um lado temos recordes de produção e exportação de outro lado temos um “balaio” cheio de preocupações. A nossa relação e a nossa propaganda diante dos olhos do mundo deixam a desejar, com mais países nos encarando com desconfiança em função do tratamento negligente que dedicamos a aspectos de ordem ambiental, tais como o desmatamento, os incêndios, a proteção do bioma, entre outros cuidados tão necessários quanto imprescindíveis. E o resultado disso é que mais barreiras comerciais estão sendo erguidas contra nós, o que certamente irá dificultar a nossa vida em um futuro muito próximo.

Em outra mão de direção, apresentamos uma matéria abordando o desenvolvimento de um sistema de informação desenvolvido pela Embrapa em parceria com o Laboratório de Pesquisa em Logística e Comercialização Agroindustrial da Universidade Estadual de Campinas (Logicom/Unicamp), que, nos três anos em que está no ar, já produziu uma economia de mais R\$ 150 milhões em recursos, além economia de tempo e rapidez no fluxo de informações, permitindo a rápida tomada de decisões.

Também falamos dos Recursos Humanos e da importância de sempre buscarmos a excelência em nossos atos, e darmos o máximo de nós em cada situação de nossas vidas e, ainda, sobre como o setor do agronegócio está se preparando para encarar o futuro que já está chegando. Complementarmos, trazemos também uma reportagem sobre a importância da tecnologia no desenvolvimento dos negócios do agro, destacando o quanto esta vem contribuindo para o crescimento do setor.

Finalmente, aproveitamos o ensejo para convidar nossos leitores a acompanharem nossa próxima edição, quando vamos falar da telemetria e da conectividade, que são ferramentas indispensáveis para o crescimento dos negócios do campo. E veja também em nossas páginas as notícias falando de energia, de novos cursos, de como reduzir o desperdício de alimentos, e entre muitas outras coisas.

Continue nos prestigiando com seu acesso a todos os nossos canais de interação digital, e nos enviando suas mensagens, comentários, críticas e sugestões.

Boa leitura!

GRIPS
EDITORA

Ano 16 – nº 112 – Agosto 2021

É uma publicação de propriedade da Grips Marketing e Negócios Ltda.com registro no INPI sob no 826584527.

Diretoria:

Henrique Isliker Pátia
Maria da Glória Bernardo Isliker
diretoria@grips.com.br

Coordenação de TI: Versão Digital

Vicente Bernardo
vicente@grips.com.br

Coordenação jurídica:

Marcia V. Vinci - OAB/SP 132.556
mvinci@adv.oabsp.org.br

Produção:

Editor Responsável

Henrique Isliker Pátia - MTb-SP 37.567

Reportagens Especiais

Marcus Frediani - MTb 13.953

Comercial:

henrique@grips.com.br
marcia@grips.com.br

Projeto Editorial:

Grips Editora

Projeto gráfico e Edição de Arte / DTP:

Ana Carolina Ermel de Araujo
Tadeu Sakagawa

Capa:

Criação: Tadeu Sakagawa

Foto: Equipamento para agricultura- John Deere

Divulgação:

Através do site: www.agrimotor.com.br

Observações:

A opinião expressada em artigos técnicos ou pelos entrevistados são de sua total responsabilidade e não refletem necessariamente a opinião dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS:

Grips Marketing e Negócios Ltda.

Rua Cardeal Arcoverde 1745 – conj. 113 São Paulo/SP – CEP 05407-002

Tel.: +55 11 3811-8822 - www.agrimotor.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou qualquer meio, sem prévia autorização.

AS EXPORTAÇÕES

do agro estão quebrando recordes todos os meses

Muita lição de casa ainda precisa ser feita para acelerar o desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Mas a boa notícia é que o setor privado pode turbinar (e muito) esse processo.

Marcus Frediani

Embora algumas culturas tenham apresentado resultados que podem ser considerados bons, a última safra agrícola brasileira ficou aquém da sua previsão inicial, em função de problemas diversos e bastante conhecidos pelos operadores do setor. Nesse cenário, entretanto (e felizmente), as exportações voltaram a sobressair, repetindo uma dinâmica de crescimento mês a mês, que nem a pandemia do novo coronavírus conseguiu refrear. E um novo recorde delas é esperado até o final de 2021.

Contudo, há riscos no horizonte, principalmente derivados de inconsistências na tratativa do atual governo de problemas de cunho internacional, que o atual governo parece insistir em ignorar, não fazendo o que precisa ser feito para evitá-los. Além disso, no âmbito doméstico, existem posturas anacrônicas da parte dos operadores do agronegócio que precisam ser urgentemente revistas, a fim de garantir a continuidade de seu desenvolvimento.

Nesta entrevista exclusiva à Revista AgriMotor – que, na verdade, é uma verdadeira aula de estratégia, bom senso e, sobretudo, de vislumbre de soluções factíveis –, o consultor de mercado Carlos Cogo, da Cogo Inteligência em Agronegócio, de Porto Alegre/RS, profissional referência no setor com mais de 30 anos de experiência no segmento, aborda temas importantíssimos relacionados cenário atual e às perspectivas para o setor. Por isso, recomendamos a leitura atenta de cada um dos tópicos nela expostos, com muita clareza e objetividade.

AgriMotor: Carlos, qual é a sua avaliação sobre o desempenho do

agronegócio brasileiro ao longo do 1º semestre de 2021? A pandemia da COVID-19 impactou de forma sensível o setor?

Carlos Cogo: Dizer que não houve impacto seria faltar com a verdade. Houve impactos relacionados ao fornecimento de insumos e à importação de fertilizantes e de defensivos agrícolas, que continuam enfrentando problemas de frete marítimo e, também, de abastecimento no mercado interno. E a situação ainda não foi corrigida. Contudo, não se pode dizer também que isso vai ter ou não interferência no plantio da próxima safra. Em minha opinião, não haverá grandes problemas. Com relação à safra atual, tivemos uma queda na previsão inicial, que era de colher

276 milhões de toneladas, e acabamos ficando perto de 252 milhões de toneladas, principalmente em função dos problemas bastante conhecidos relacionados à safra do milho – como geadas e estiagem –, que ficou 18% abaixo da última.

Fora o milho, como foi o desempenho das outras principais culturas?

As demais culturas tiveram um desempenho bom. A safra da soja foi recorde, com algo em torno de 135/136 milhões de toneladas. O arroz manteve uma cifra estável, assim como o feijão. Enquanto isso, estamos esperando um aumento da safra do trigo também, que vai ser colhida a partir de setembro. No ano passado, tivemos problemas de clima, que se repetiu no começo deste ano também, como geadas e frio, mas a perspectiva é bastante positiva: nossa projeção é de que teremos uma safra de 38% maior do que a do ano passado, batendo em algo em torno de 8,6 milhões de toneladas. E tais problemas também prejudicaram a safra de café e a de cana-de-açúcar, pegando-as no final do processo de colheita e, no caso da cana, em especial, no momento pleno da moagem. Então, essas duas últimas devem ter redução em relação ao ano passado.

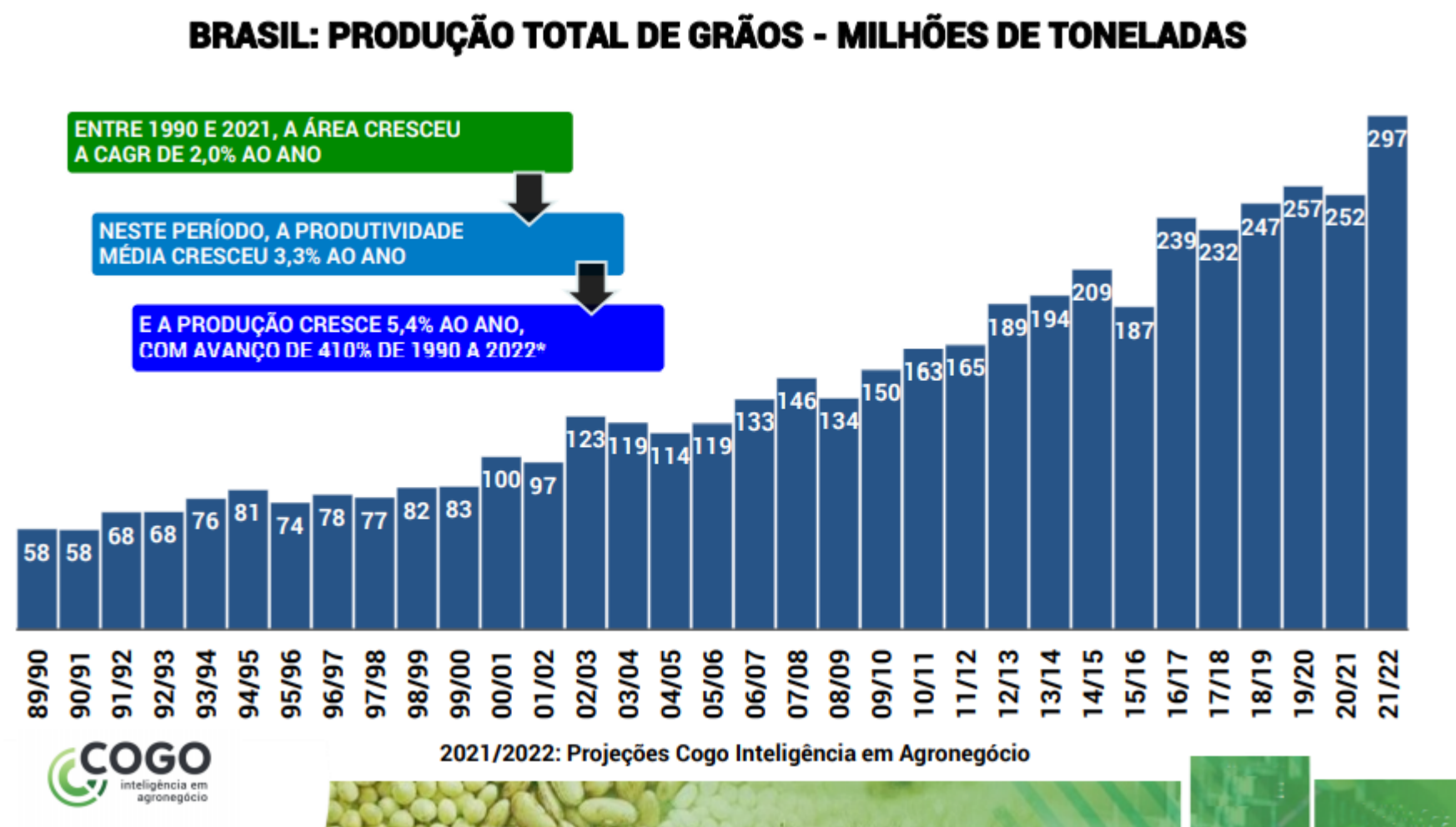
Nesse cenário, as exportações continuaram sendo destaque?

Sem dúvida alguma. As exportações estão quebrando recordes todos os meses. De janeiro a julho, a gente exportou US\$ 72,8 bilhões em produtos do agronegócio, 20% acima do mesmo período do ano passado, o que significou um recorde para o período de janeiro a julho, e recorde também no período dos últimos quatro a cinco meses. E esses recordes mês a mês, em nossa previsão, deverão continuar a ser batidos até o final de 2021: deveremos fechar o ano com exportações da ordem de US\$ 121 bilhões, que vai ser recorde também.

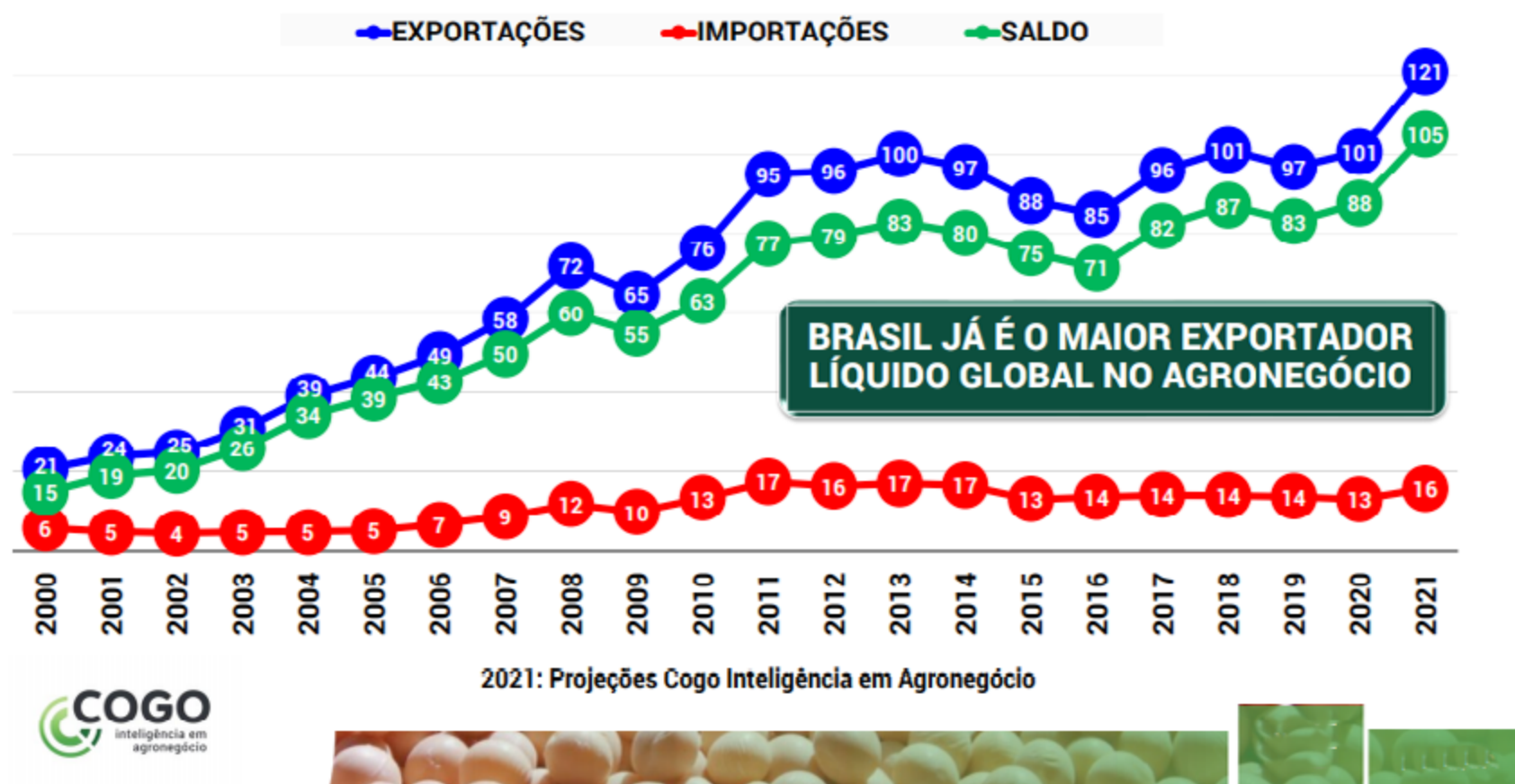
E como fica o cenário das cotações internacionais e dos preços no mercado interno?

A tendência é de cotações futuras sustentadas em patamares elevados para soja, milho, trigo e algodão na temporada 2021/2022. A redução das estimativas de produção de soja, milho, trigo e algodão nos Estados Unidos reforça a tendência de sustentação das cotações futuras. No mercado interno, os preços deverão seguir em patamares elevados em 2022 para soja, milho, trigo e algodão. Para o arroz e feijão, as cotações em 2022 oscilarão conforme as condições climáticas, o câmbio e o consumo.

E isso significa que continuaremos a ter mais aumentos de preços?



AGRONEGÓCIO: BALANÇA COMERCIAL DO BRASIL EM US\$ BILHÕES



Sim, a tendência é de preços elevados dos produtos agrícolas no Brasil ao longo de 2022. Mas, na verdade, creio que boa parte desses aumentos já ocorreram. Daqui para a frente, a gente ainda poderá ter alguns aumentos de preços, por exemplo, na área de soja e de seus derivados, como o óleo e o farelo. O milho também pode subir até o final do ano. Então, podemos ter aumento, sim, notadamente ligados à questão de dólar, que agora está voltando a subir. Como as safras foram menores do que o esperado, e os preços tanto lá fora quanto aqui dentro que continuam altos, essa é uma forte tendência, porque ambas as coisas estão acontecendo juntas. Em outras palavras, isso quer dizer que a situação dos aumentos de preços

não é doméstica – ou seja exclusivamente brasileira – mas, sim, internacional.

E como você avalia os riscos internacionais ao longo deste próximo semestre?

O principal risco que nós vamos enfrentar a partir de agora são barreiras comerciais. A gente está sendo acusado de problemas de proteção do bioma, de queimadas, de desmatamento, e, em algum momento, a mudança de governo nos Estados Unidos pode trazer um impacto negativo aqui. E o pior é que não temos dado a resposta correta ao mercado, não temos tomado as atitudes necessárias para controlar esses problemas. E como as ações do atual governo não têm sido suficientes

para minimizar tais impactos, em algum momento o agronegócio brasileiro pode ter problemas não só relacionados aos Estados Unidos, como também com os países aliados aos EUA, que também vêm fazendo o mesmo tipo de críticas – principalmente do eixo Estados Unidos-União Europeia, respectivamente o segundo e o terceiro maior comprador do agronegócio brasileiro depois da China –, a ampliação destas pode, sim, se transformar em barreiras comerciais.

Nesse balaio, você vê riscos com a China?

Bem, estamos criando todos os tipos de problemas possíveis para arrumar encrenca com os chineses. Não estamos conseguindo “ainda”, mas estamos fazendo bastante esforço nesse sentido. A postura do governo é muito ruim. Contudo, como a China ainda tem um problema grave de abastecimento interno, e vem importando grandes volumes de carne e de grãos da gente – lembrando que o maior supridor desses produtos à China não são os Estados Unidos e, sim, o Brasil –, por enquanto não há nenhum sinal negativo vindo de lá. Porém, se continuarmos a cutucar a onça com vara curta, em algum momento ela vai reagir: é o gatinho brincando com o leão. Afinal, estamos falando de um país que compra 40% de tudo que a gente exporta do agronegócio. Então, não é uma

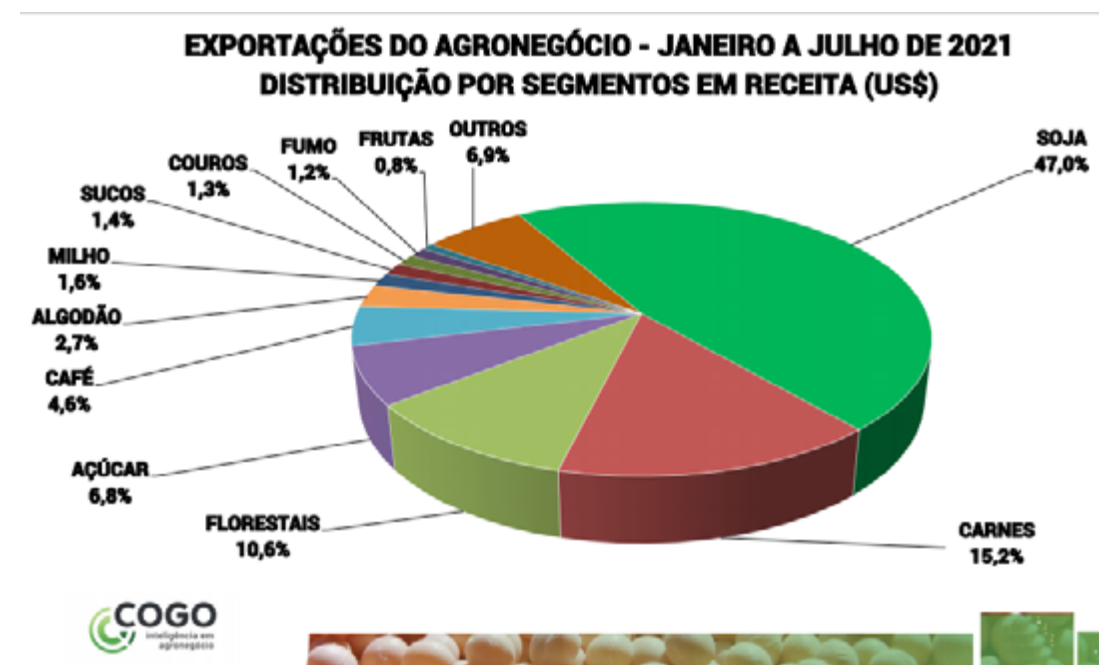
boa ideia a gente continuar agindo dessa forma.

Ou seja, a postura atual do governo está na iminência de estragar tudo no futuro?

Na verdade, não. Não vejo grandes problemas pela frente. Não vejo ameaças, porque o agronegócio brasileiro precisa cada vez menos do governo. Então, se o governo se limitar a não criar coisas como aquelas que a Argentina criou, tais como cotas e imposto de exportação de produtos agrícolas. Já não existe mais tanto dinheiro do governo no agronegócio: há muito mais do setor privado. Então, se o governo não criar problemas já será o suficiente. Mas, é claro, se ele puder ajudar, não criando entraves diplomáticos com outros países, isso também vai ajudar bastante.

E acerca das propaladas benesses, tais como os financiamentos governamentais de auxílio à safra o Seguro Rural? Podemos considerar incentivos como esses satisfatórios para agronegócio brasileiro no futuro?

Sim, serão satisfatórios. A criação de novos instrumentos como o CRA, LCA, CPR digital, a nova lei do agro e esse fundo de investimento do agronegócio, o FIAGRO, todos esses instrumentos vão ser bem-vindos para ajudar a financiar o agronegócio, e também ajudarão o setor a



desmamar do setor público. Isso tudo está sendo muito bom, e vai ser melhor ainda no futuro, principalmente quando a gente passar essa fase de aumento da Selic, e essas taxas voltarem a cair, e quando os juros do setor privado também voltarem a ficar competitivos.

Nesse sentido, com relação à questão de novas oportunidades, quais as áreas deverão despertar maior interesse dos investidores estrangeiros?

Bem, esse é um problema realmente grave. A discussão vem sendo essa: está chegando muito investimento estrangeiro, mas ainda muito restrito, com dotação ligada basicamente à infraestrutura e à logística, tais como em rodovias, ferrovias, hidrovias etc. E, seguramente, o volume desse tipo de investimento poderia ter muito maior, se houvesse um pouco mais de segurança jurídica e institucional no Brasil.

Mas mesmo “restritos”, como você diz, tais investimentos não poderiam contribuir – e muito – para minimizar problemas como o do desperdício no agronegócio, que ainda é enorme?

Sem dúvida, nossa logística de escoamento é deficitária, a questão da concentração de poucos portos é um problema, a falta de ferrovia é

outro problema. Mas esse é só um dos problemas, em meio a tantos outros. Um destes, por exemplo, é a falta de estrutura de armazenagem. O Brasil não tem estrutura para armazenar a safra inteira. Outro gravíssimo é a falta de investimento em irrigação: hoje, irrigamos muito pouco nossas áreas de produção. Então, temos um leque muito grande de problemas prioritários para resolver, o que equivale dizer que não podemos deixar tudo na mão do governo, mas temos e podemos resolver com a mão do setor privado.

Quer dizer, o setor privado pode ser a tábua de salvação do agronegócio brasileiro.

Com certeza. Aliás, nem poderia ser diferente: esses investimentos nem têm como vir do governo, porque este não tem mais como investir.



E aí, voltamos àqueles entraves sobre os quais falamos há pouco.

Sim. E o maior de todos ainda é o institucional. A gente tem que melhorar nossa imagem lá fora, o Brasil é um agroexportador, porque não consegue absorver o que produz. Então, a sobrevivência do agro é a exportação. Não falta produto aqui dentro, nunca faltou e nem vai faltar. Só que para exportar, a gente tem que cumprir as regras internacionais. E é isso que está faltando: fazer a nossa parte, cumprindo o Acordo do Clima, nos debruçando com seriedade sobre a questão da preservação do bioma, cuidando da Amazônia e do Pantanal, fazendo tudo aquilo que não estamos fazendo.

Muita gente, entretanto, se incomoda e faz duras críticas ao fato de o Brasil estar se transformando – ou, eventualmente, já ter se transformado – em um país de matriz eminentemente agrícola, em detrimento, por exemplo, de sua atividade industrial, cuja participação no PIB brasileiro vem decaindo ano a ano.

Como você responderia a essas críticas?

Eu responderia assim: se eu estivesse em Cingapura, estaria preocupado, porque não teria espaço para fazer o que eu faço. Agora, estando no Brasil, a maior reserva de água doce do planeta, eu acho que a gente tem que tirar benefício do que temos de potencial, e não o contrário, cumprindo as legislações e as regras internacionais. Claro, vamos estar expostos a oscilações, volatilidades, câmbio, preço de commodities internacionais, mas qual a diferença de depender de minério de ferro ou de soja? Todos os setores de mercado, inclusive a indústria, estão sujeitos a instabilidades no âmbito global. Então, essa discussão não “cola” e nem bate. A própria estrutura física do país de ter rio, de ter oferta de água, de ter território, de ter pastagem para transformar em agricultura, tudo isso não só atesta, como contribui para nossa vocação agrícola. Assim, acredito que temos que aproveitar nosso potencial agrícola ao máximo, não deixando de usufruí-lo, mas, claro, respeitando a ordem das coisas, e corrigindo o que está sendo mal feito para aumentar os nossos níveis de acerto.

Em outras palavras, a gente não tem que ter receio de ser bom naquilo que é bom.

É isso! E, ao contrário do que a maioria desses críticos fala, estamos melhorando a nossa eficiência naquilo que a gente é bom.

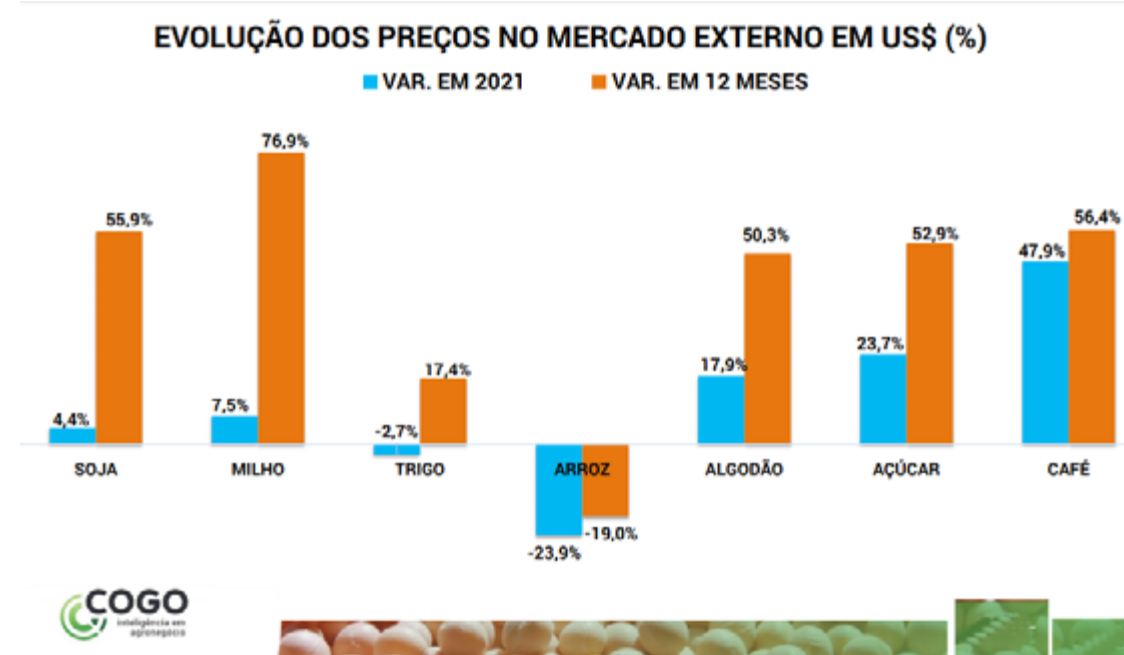
É isso que tem que ser feito, aumentando a digitalização no campo, utilizando tecnologia a nosso favor para melhorar os fatores de produção e incrementar a produtividade, e por aí vai. E nada impede que a evolução do processo de industrialização do país corra em paralelo com a evolução do agronegócio. Aliás, isso tem que ser política de Estado. O governo tem que criar condições tributárias, fiscais e tudo mais para que isso aconteça. Não adianta você simplesmente dizer “Ah, agora eu vou transferir a produção da China para o Brasil”, porque não temos mão de obra qualificada para isso, com um enorme contingente de pessoas que não têm nem o ensino médio. Temos uma legião de gente, milhões de brasileiros desempregados, porque eles não têm qualificação. A situação do emprego no Brasil piorou muito a partir de 2013, quando o governo jogou dinheiro a rodo no mercado, via BNDES, e todo

mundo estava empregado, com um salário relativamente melhor do que tinha antes, mas porque não havia mão de obra no mercado, e se contratava qualquer pessoa com qualquer instrução para fazer qualquer coisa. Isso não existe mais, o pleno emprego acabou no Brasil. O sonho de consumo de 2013-2014 acabou.

Contudo, felizmente temos visto muitas iniciativas no sentido de melhorar o quadro da capacitação profissional. Como você avalia a qualidade delas?

É boa, não é ruim, não. Essas iniciativas, principalmente difundidas pelo setor privado, que está assumindo esse papel, estão fazendo isso, há muito tempo, levando instrução e treinamento ao trabalhador. Mas instituições como o Sesi e o Senai, por exemplo, precisariam de um apoio melhor para oferecer qualificação para as pessoas trabalharem em um patamar mais elevado, capacitando-as a operar máquinas mais modernas, que

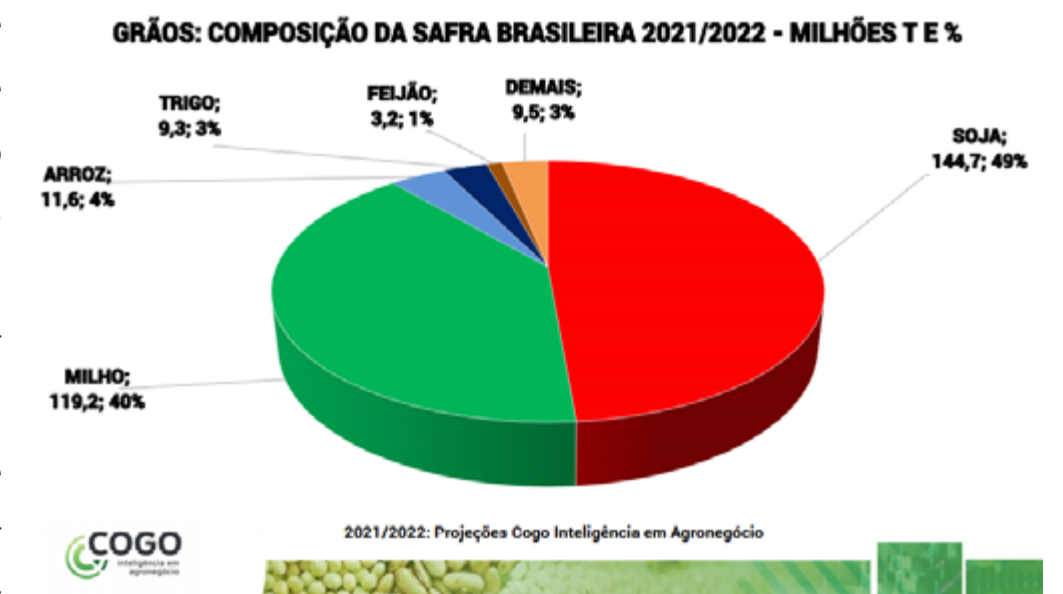
usam controle por aplicativos, estações remotas, pulverizadores, tratores, drones e todo arsenal tecnológico já disponível na agricultura. Porque se não houver mão de obra mais qualificada, essas pessoas vão continuar fora do mercado. E o setor do agronegócio brasileiro pelo menos para o último cen-



so ainda é um setor envelhecido, que carece de uma renovação. Só que isso vai acontecendo lentamente, não acontece do dia para a noite, entende? A gente vai ter que esperar um tempo ainda para ver isso acontecer de fato. E quando acontecer, até em função do fato de que a rentabilidade do negócio vai crescer, isso vai atrair mais gente para o agronegócio. Por exemplo, a sucessão familiar no campo vai se tornar cada vez mais frequente, com os filhos dos agricultores e pecuaristas querendo se qualificar, fazendo cursos de Agronomia, Zootecnia e Economia para perpetuar o negócio. Mas, não tem magia: só o tempo e o esforço vão resolver isso.

Mas o duro é exatamente isso: ver que esse processo, hoje em dia, está sendo atrasado, porque estão faltando recursos até para a pesquisa, não é mesmo?

Sim. Aí está faltando dinheiro mesmo. É o caso de instituições como a Embrapa, por exemplo, O Brasil ganhou muito com a pesquisa agropecuária com a Embrapa. Só que esses órgãos todos, agora, em função da falta de recursos e de investimentos em pesquisa, estão perdendo talentos, porque o pessoal está indo para o setor privado, o que é muito ruim. A Embrapa foi o nosso coração de crescimento, nosso pulmão, mas, infelizmente, está acabando, o que é uma pena. E a turma só vai se dar conta



disso tudo quando começar a não aparecer o resultado das inovações no campo.

Além do encolhimento da pesquisa, outro problema sério para o agronegócio brasileiro, que vem sendo muito citado ultimamente, é o ainda baixo nível da conectividade no campo. Como você analisa essa questão?

Sem dúvida, esse é um entrave e um desafio persistente que enfrentamos. O Brasil é um dos países com menor cobertura do mundo em termos de agricultura. Praticamente 69% de nossa área agrícola total não têm 2G, 3G e muito menos 4G. Esse é um problema grave, que acaba freando o agronegócio do maquinário de grande porte, de telemetria, da expansão de máquinas mais modernas, de digitalização no campo, de trator, colheitadeira, de tudo. E ele não vai se resolver no curto prazo, muito menos pela mão do governo, mas também apenas por meio da intervenção do setor privado.

ENFRENTAR DESAFIOS para alcançar o sucesso

Com certeza procurando fazer o seu melhor e deixando com que a outra parte faça suas ponderações, torna o processo muito mais fluido e pode trazer conclusões e resultados muito mais positivos.

Ana Palazzo*

Tive a oportunidade de trabalhar com pessoas incríveis na minha trajetória profissional. Pessoas que me ensinaram e me fizeram crescer de diversas formas. O aporte de conhecimento técnico (hard skills) com certeza foi extremamente rico.

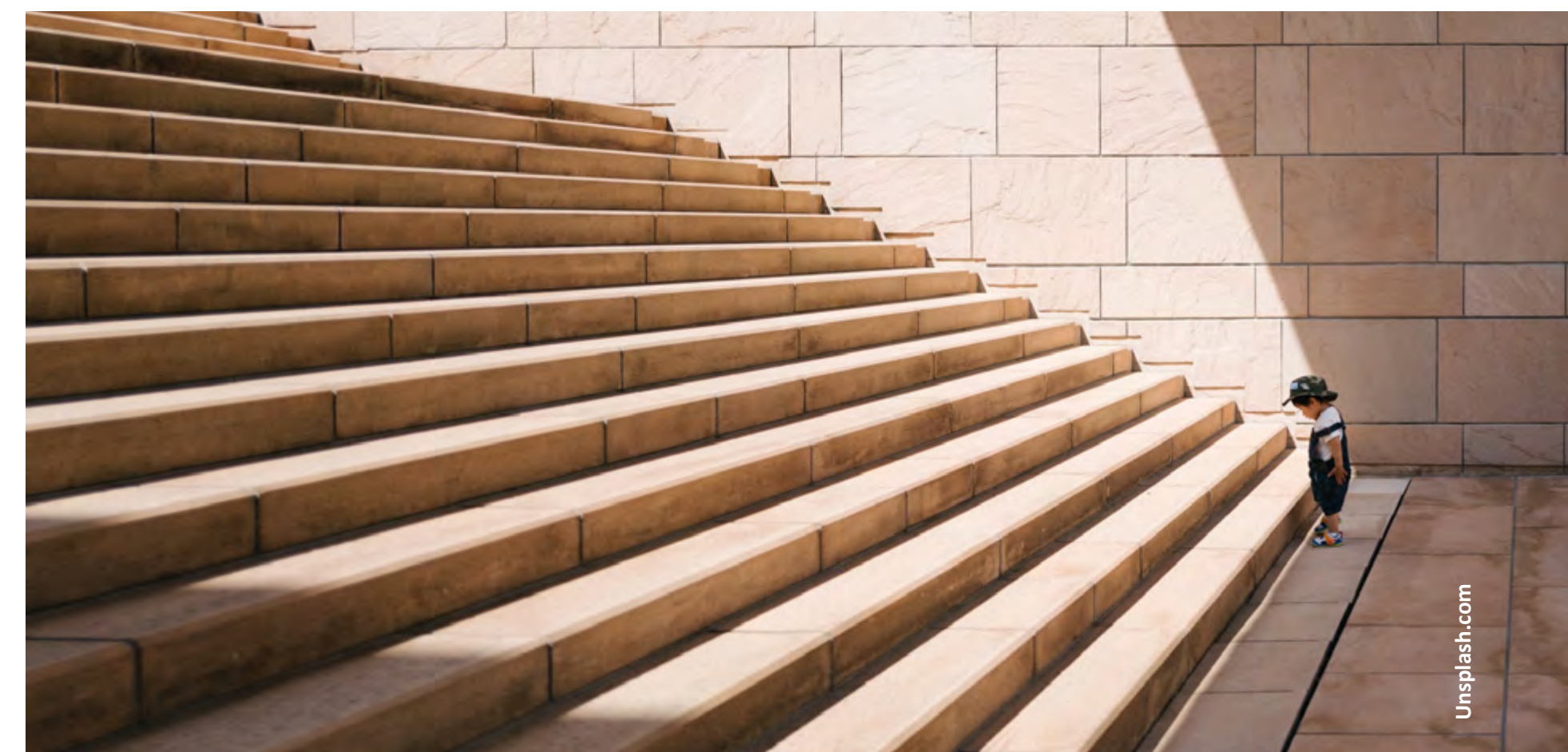
No entanto, os aprendizados priceless não estão relacionados as hard skills e, sim, a como me moldar nas situações, com o objetivo de trazer resultados "ganha-ganha" e benefícios para todos os envolvidos. Compartilho nesse texto os

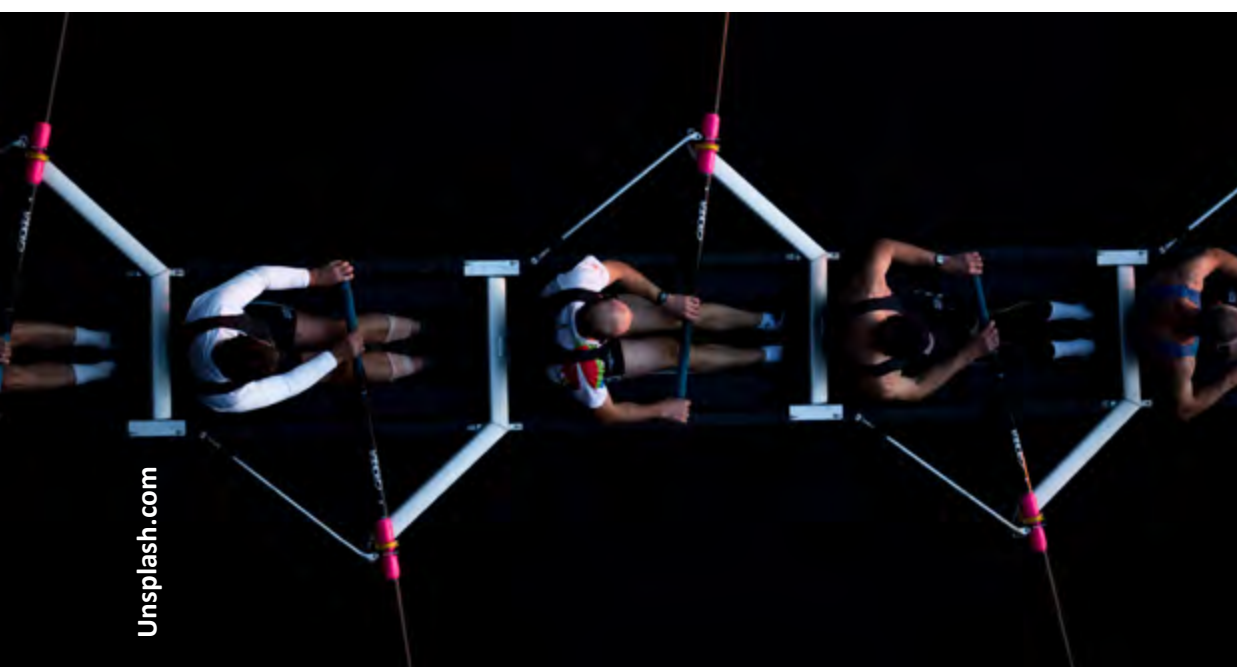
principais pilares e como eles me ajudaram a construir a melhor pessoa e profissional que eu pude ser, ao longo de um processo de desenvolvimento que é contínuo.

De uma postura de impulsividade e impaciência para a percepção de que cada organização tem seu tempo. Uma vez ouvi uma comparação sobre esse ponto, que se referia a um brinquedo de criança, voltado para encaixar as peças em seus devidos espaços e como é importante deixar e, mais do que isso, fomentar, que a criança tenha seu ciclo de descobrimento nessa atividade. Isso significa, como disse meu interlocutor, na época: "não tirar o brinquedo da mão da criança para querer encaixar você mesmo". Principalmente porque a jornada de descobrimento e criação de relacionamentos é tão importante quanto

o resultado final. Quando consegui me aprimorar nesse sentido, fui capaz de desenhar as melhores saídas para o contexto em que eu estava inserida, focando nas minhas fortalezas e buscando também extrair o melhor dos demais.

De uma postura de confronto para o viés de questionar com curiosidade genuína e escuta ativa. O outro não é responsável por nossas expectativas e presumir resultados, a partir de nossos desejos, assume que existe essa responsabilidade. Colocar as premissas, fazendo o seu melhor e deixando com que a outra parte faça suas ponderações, torna o processo muito mais fluido e pode trazer conclusões mais positivas do que as que você mesmo poderia ter pensado. Isso acontece porque quando você se mostra aberto, o resultado,





tendido como um SOLO FÉRTIL e não um CAMPO DE BATALHA.

Uma das melhores analogias que já tive a chance de ouvir nesse âmbito é a seguinte: o beija-flor é muito bonito, mas agressivo, pois não divide flor/ espaço. Já o corvo, não é comumente considerado um pássaro belo, no entanto, possui EMPATIA para com seus colegas e tem uma ótima capacidade de

em geral, é que a escuta do outro também se abre. Dessa maneira, a “dança” com seu interlocutor será muito mais produtiva. Quando consegui me aprimorar nesse sentido, fui capaz de extrair soluções que potencializaram a percepção de valor de vários projetos, permitindo, inclusive, maiores investimentos.

Da escolha de lutar ou fugir para o foco na gestão de conflitos buscando sinergia. A gestão de conflitos é um ponto tão relevante, que pode ser a diferença entre a construção de um resultado outstanding ou o fracasso completo. Minha maior lição nesse sentido é que o conflito deve ser en-

convívio. Ou seja, a beleza está na capacidade de interagir e resolver problemas e não na de atuar de maneira singular. Quando consegui me aprimorar nesse sentido, obtive muito mais sucesso em negociações comerciais e de projetos.

É claro que cada indivíduo é único, se comporta e aprende de uma maneira diferente. Para mim, o exercício de autoconhecimento e o foco em praticar os aprendizados é uma necessidade diária, com o intuito de buscar melhorar sempre. Não basta estar certo, o objetivo maior é CAUSAR UM IMPACTO POSITIVO E DEIXAR LEGADO! 🚲

*Ana Palazzo é eng. agrônoma formada pela UFV e Pós graduada em Marketing pela Fundace/USP.



Revista AgriMotor

O agronegócio em destaque



PRÓXIMA EDIÇÃO

Pautas Principais:

Telemetria e Conectividade

As projeções e o planejamento do agronegócio

CONVITE ESPECIAL

Programe seu anuncio nesta próxima edição

É o momento de aparecer. Amplie sua visibilidade

Não perca a oportunidade de abrir novos clientes.

Consulte-nos que temos o espaço na medida de seu orçamento.

www.agrimotor.com.br

diretoria@grips.com.br



Brazilian Agricultural Research Corporation
Ministry of Agriculture, Livestock, and Food Supply

Contact us | Transparency and accountability | Press |

Embrapa | Business and Technology Showcase | Library | Projects | Courses and Events |

International

About us

- About Embrapa
- Our Units
- Our Team
- Research & Development

Research and
development for
Brazilian agriculture

Themes | [read more](#)

Integrated Crop-Livestock-
Forestry Systems



Low-carbon agriculture



Coping with



Pixabay/Embrapa

Sistema da Embrapa gera economia de R\$ 150 milhões



Novo sistema desenvolvido pela Embrapa Territorial, reúne dados de 20 órgãos diferenciados e além de gerar substancial economia financeira, também facilita na busca de informações e dados fundamentais para tomada de decisões.

Há três anos disponível gratuitamente no Portal Embrapa, o Sistema de Inteligência Territorial Estratégica da Macrologística Agropecuária Brasileira (SITE-MLog) já foi acessado por mais de 100 mil usuários. O impacto econômico promovido pela plataforma é estimado em até R\$ 150 milhões. A primeira parte desse valor, R\$ 5,6 milhões, corresponde à redução do tempo gasto pelos usuários para obter as mesmas informações em outras fontes. A segunda, estimada em R\$ 143,9 milhões, é atribuída à diminuição de custos para o setor agropecuário, a partir de políticas públicas influenciadas por estudos logísticos derivados do sistema.

O SITE-MLog reúne dados dispersos em mais de 20 órgãos e instituições. Mais do que disponibilizá-los todos em um só local, a equipe da Embrapa Territorial (SP) responsável pelo desenvolvimento padronizou, categorizou e espacializou as informações. Com isso, a plataforma permite gerar 500 mil mapas, além de fazer o download, em diferentes formatos, de



dados sobre a logística dos dez produtos agropecuários que respondem por cerca de 90% das cargas no Brasil.

O primeiro resultado disso é a redução do tempo gasto pelos usuários em busca de informações. Em 2019, o uso sistemático por agentes públicos de dois ministérios e equipes de entidades de classe gerou economia de tempo e recursos estimada em R\$ 3,1 milhões. Isso não inclui as milhares de pessoas anônimas que acessam o SITE-MLog diariamente. Para calcular o valor desse uso, a equipe de avaliadores considerou o número de usuários da plataforma até dezembro de 2020, o tempo gasto por eles navegando pelo sistema e o valor de uma consultoria na área. Chegou-se, assim, a uma economia de mais de R\$ 2,5 milhões.

Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Logística e Comercialização Agroindustrial da Universidade Estadual de Campinas (Logicom/Unicamp), a professora Andréa Leda conhece de perto as dificuldades para obter dados sobre o tema no Brasil. Além de estarem espalhados por diferentes instituições, não há padronização. Por exemplo, alguns são organizados por municípios, outros por regiões. Unidades de medida também podem ser diferentes. Ela avalia que, além de agregar, organizar os dados com uma padronização é um dos méritos do SITE-MLog. O cruzamento de informações é outro ponto forte. “Quando você gera diferentes mapas georreferenciados, quando você cruza as informações, já há uma forma de análise”, comenta.

Leda apresenta o sistema a alunos de duas disciplinas em que ministra aulas na Unicamp: Logística Agroindustrial e Comercialização Agroindustrial. A plataforma também tem sido utilizada como ponto de partida para trabalhos de pesquisa do laboratório. “Quando você busca uma primeira ideia, fazer um modelo mental ajuda muito”, afirma. Uma pesquisa de iniciação científica, orientada por ela e publicada como artigo, inspirou-se no conceito de bacias logísticas empregado no SITE-MLog para estudar o escoamento da soja produzida em Mato Grosso.

Retrologística e aprofundamento das análises

Para 2022, a Embrapa prepara uma nova versão do SITE-MLog, com aprofundamento das análises. O analista Gustavo Spadotti, da Embrapa

Territorial, adianta que os estudos sobre armazenamento estão sendo aprofundados. “Vamos ‘entrar de cabeça’ nesse tema para entender onde há dificuldades e propor soluções”, adianta Gustavo Spadotti.

Outro tema sobre o qual a equipe se debruça é a retrologística, ou seja, a disponibilidade de carga para caminhões ou trens fazerem o caminho de volta até as fazendas e agroindústrias após levar produtos do agro aos portos ou outro destino. Uma das possibilidades para essa área é suprir a demanda por nutrientes agrícolas no território brasileiro. Informações sobre as cadeias produtivas e rotas comerciais de fertilizantes, corretivos e remineralizadores de solo estão sendo processadas em busca de soluções para a retrologística nas diferentes regiões.

Spadotti conta que também está prevista a inclusão de dados do setor agro-



nergético na plataforma – etanol, biodiesel, carvão vegetal, biogás etc. A equipe ainda se empenha na atualização das bases logísticas da categoria Grãos (agrupado de milho e soja) e no delineamento de análises semelhantes para as dez cadeias produtivas já presentes no SITE-MLog: algodão, aves, bovinos, café, cana-de-açúcar, laranja, madeira para papel e celulose, milho, soja e suínos.



SITE-MLog pautou obras públicas

A disponibilização de dados gerados por diferentes instituições em uma única plataforma também foi valorizada pelo secretário da Câmara Temática de Infraestrutura e Logística do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Carlos Alberto Nunes Batista. “A grande sacada foi a consolidação em uma única ferramenta de informações que eram espalhadas. Você consegue trabalhar bem e desenvolver um estudo sem sair dela”, aponta. Ele já listou o SITE-MLog entre as plataformas indicadas para consultas, em curso sobre logística agropecuária em elaboração no Mapa.

Integrante de colegiados com diferentes órgãos do governo, ele afirma que os

estudos sobre obras prioritárias para o escoamento da produção realizados pela Embrapa Territorial contribuíram para o delineamento dos investimentos em recuperação ou construção de novas vias de transporte. “É uma ferramenta que conhece as demandas e a pressão que a agricultura brasileira exerce sobre a logística”, avalia.

Cinco obras indicadas nos estudos logísticos do SITE-MLog foram incluídas no Programa de Parceria de Investimentos (PPI) ou no Plano Plurianual (PPA) do Governo Federal: duas rodovias, duas ferrovias e uma hidrovía. Para duas delas, o trecho de Sinop (MT) a Miritituba (PA) da BR-163 e a Ferrovia de Integração Centro-Oeste (Fico), há uma estimativa de economia de R\$ 2,3 bilhões para o setor agropecuário até 2025. Com base em metodologia de quantificação de ganhos econômicos por contribuição à formulação de políticas públicas, o relatório de avaliação do SITE-MLog atribui 1/16 desse valor ao uso da ferramenta - o equivalente a R\$ 143,9 milhões. Os autores chegaram a essa fração porque identificaram mais 15 instituições cujo trabalho influenciou a inclusão das obras entre as prioritárias.

Para outras três vias planejadas, Ferrogrão, Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) e Hidrovía do Tocantins via Pedraldo Lourenço, foi estimada a redução na emissão de gases de efeito estufa para o transporte das cargas. O modal rodoviário é o que mais gera esses poluentes pelo alto consumo de combustíveis fósseis. A substituição ou diminuição no uso de caminhões graneleiros por trens e navios diminui esse impacto. A redução total de emissões de gases de efeito estufa prevista com a implantação das três obras pode chegar a 8,5 milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO₂) até 2031.

Direcionar investimentos

No setor privado, os dados e os cruzamentos também têm sido utilizados para análises de mercado e direcionamento de

investimentos. Foi o caso do gerente de regulação de meio ambiente do Terminal Graneleiro da Babitonga (TGB), Bruno Christofoli. Ele conta que a plataforma foi importante para entender os corredores de logística nos quais poderia haver área de influência para atrair cargas. Atualmente em fase de preparação do terreno para início da construção, o terminal fica em São Francisco do Sul, no litoral de Santa Catarina, e tem previsão de inauguração em 2024. “Ter todas as informações disponíveis em um único ponto ajuda bastante para estudos de demanda e algumas questões mais estratégicas para viabilização de investimento”, avalia. “Entender a curva de crescimento das exportações brasileiras em cada região e da produção foi muito importante”, complementa.





Muito mais do que juntar dados

A construção do SITE-MLog envolveu muito mais do que coletar informações e disponibilizá-las em uma única plataforma. Cada conjunto de dados impôs um desafio à equipe.

Na seção de Produção Agropecuária, o esforço maior foi dedicado à análise de concentração territorial. Na metodologia utilizada para identificar em quais microrregiões está concentrada a produção, elas são organizadas em quatro grupos, denominados quartéis (Q1 a Q4). Cada um deles apresenta aproximadamente 25% do volume de colheita ou do quantitativo de animais. No Q4, estão as que têm maior produção individual. Assim, por exemplo, no caso da soja no Brasil, o Q4 compreende

apenas sete microrregiões que, sozinhas, geraram um quarto da produção nacional da oleaginosa, em 2016. No Q1, para chegar aos mesmos 25%, é preciso somar a colheita de 222 microrregiões.

“Observar a concentração territorial é importante para indicar onde a aplicação de recursos de infraestrutura pode ter mais impacto”, esclarece Spadotti. Nos trabalhos de inteligência territorial, consideram-se apenas as localidades nos quartéis 2, 3 e 4, o chamado G75. A análise de quais regiões saem, entram ou se mantêm nesse grupo, que concentra 75% da produção, ao longo do tempo, permite antever cenários. “Conseguimos visualizar a variação disso no tempo e verificarse há territórios persistentemente importantes na concentração territorial

de determinados produtos ou se eles são mais dinâmicos”, exemplifica.

No SITE-MLog, foi feito esse trabalho de categorização em quartéis para cada uma das cadeias produtivas contempladas na plataforma. Além disso, a análise pode ser feita em relação a todo o País, a uma das cinco regiões ou a um estado, o que pode mudar completamente a configuração. Por exemplo, a microrregião de Unaí (MG) está entre as que mais concentram a produção de soja na Região Sudeste, classificada no Q4. Mas, em relação à produção nacional, figura apenas no Q2.

“A informação bruta diz que uma determinada microrregião produz 120 toneladas de soja, por exemplo. Obter essa informação não é problema. Mas é preciso baixar o conjunto inteiro de dados e rodar vários processamentos para saber qual é a qualificação desse território

em termos de concentração territorial, baseado em cada um dos recortes que se propõe a analisar. Esse é um ponto bem sensível. Por mais que se tenha automatizado o processo, é preciso fazer sempre verificações e análises”, detalha a analista da Embrapa Jaudete Daltio.

Mesmo para os painéis que não envolviam essa categorização, foi preciso tratar os dados. A série histórica apresentada tem início em 1990 e, ao longo desse período, houve mudanças metodológicas importantes, o que exige conhecimento e adaptações para permitir comparações entre diferentes períodos. “É preciso se debruçar sobre os dados obtidos antes de fazer qualquer análise e olhar com cuidado cada análise para ter certeza de que não se está levando o usuário a interpretações que gerem dúvidas”, enfatiza Daltio.



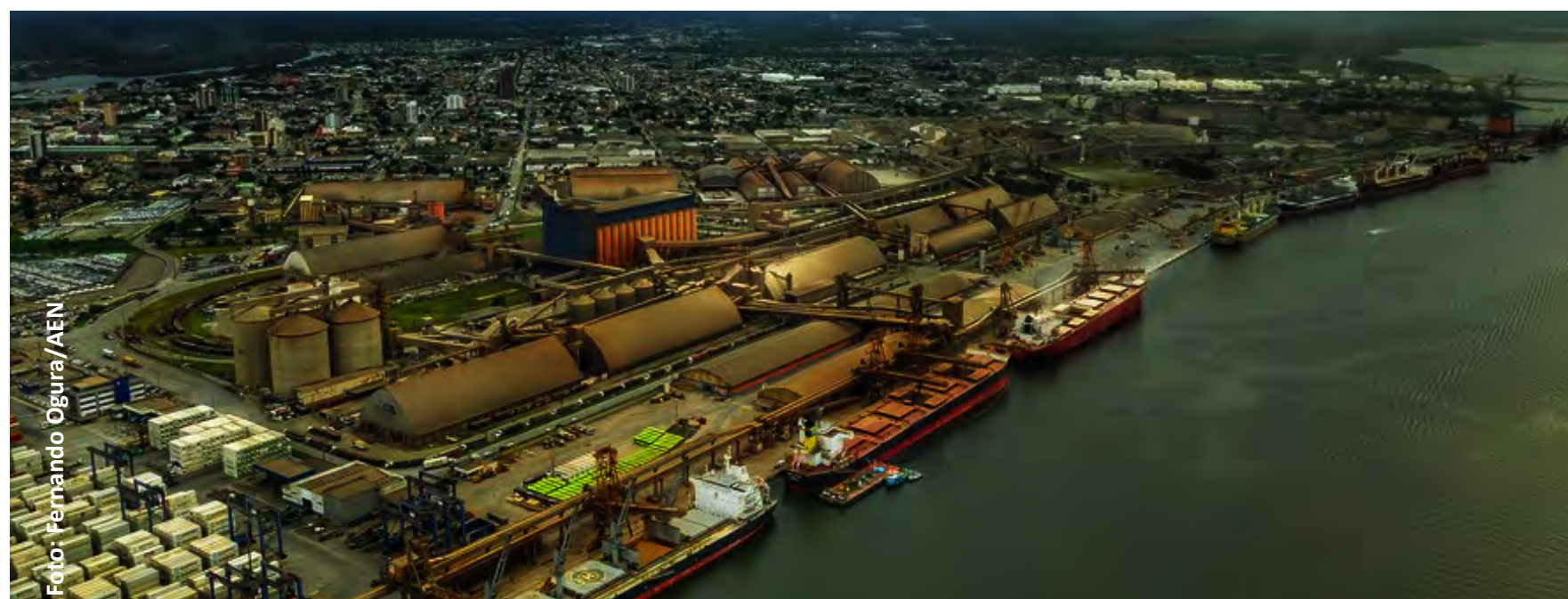


Foto: Fernando Ogura/AEN

Já na seção de Exportação, o desafio foi a própria obtenção dos dados e, principalmente, entender quais categorias de produtos exportados, listadas pelo então Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (hoje, Ministério da Economia), poderiam ser agregadas e atribuídas às mesmas cadeias produtivas elencadas na seção Produção, para permitir comparações. Na cadeia da laranja, foram considerados apenas dois produtos de exportação; na do algodão, 12; na de madeira para papel e celulose, 28. “O que temos aqui é uma apresentação visual de quantitativo”, diz Daltio, apontando para o painel com dados cartográficos. “Só que, para chegar nesse quantitativo e poder dizer que isso é o quanto foi exportado de algodão, que saiu desse porto e foi para determinado país, houve um grande esforço.”

Outro ponto importante foi a multidisciplinaridade da equipe, com

profissionais capazes de processar os dados e apresentá-los de forma atrativa, atuando ao lado de outros com conhecimento do agronegócio brasileiro. Foi assim que se entendeu que não seria possível comparar diretamente os dados de produção com os de exportação e construiu-se o conceito de bacias logísticas. Hoje disponível apenas para a cadeia de grãos, a análise de dados nesse formato deve ser expandida na próxima atualização do SITE-MLog, prevista para 2022.

O desafio da avaliação de impacto

Uma das metodologias utilizadas para mensurar o impacto do SITE-MLog foi o Ambitec-TICs, método criado pela Embrapa para avaliar seus produtos, processos e serviços baseados em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Consiste em um conjunto de 12 crité-

rios, com 65 indicadores de desempenho, que abrangem as dimensões ambiental, econômica e social dos efeitos do uso de sistemas de inteligência territorial, zoneamentos, bancos de dados, softwares e aplicativos, entre outros.

À frente da iniciativa de mensurar o impacto do SITE-MLog, a pesquisadora Gisele Vilela, da Embrapa Territorial, diz que um dos desafios é apreender o significado dos números levantados. Ela acredita que a compreensão ficará melhor ao longo dos anos, com o monitoramento contínuo da evolução do produto. Vilela conta que as percepções coletadas dos usuários também são fonte para guiar atualizações e o desenvolvimento de novas soluções tecnológicas.

A avaliação do SITE-MLog valeu-se também de um método desenvolvido pela analista Marlene de Araújo, da Secretaria de Desenvolvimento Institucional (SDI) da Embrapa, direcionado para resultados de pesquisa empregados na formulação de políticas públicas. Ele foi aplicado entre 2017 e 2018 para avaliar a contribuição da Embrapa, com estudos, para a implementação de um seguro-desemprego para pescadores que não podem exercer a atividade em épocas de reprodução dos peixes. Foram entrevistados 134 pescadores na região da Bacia do Alto Rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul, para levantar suas percepções sobre a contribui-

ção da Embrapa e avaliar o impacto da introdução do seguro. “O que se buscou no método foi a percepção do usuário”, conta Araújo.

Ela pontua que, entre as dificuldades desse tipo de trabalho estão o grande número de usuários e o tempo para a percepção dos efeitos das iniciativas: “O impacto fica diluído e não é percebido como resultado, porque não há ganho econômico imediato, mas a longo prazo”.

Ela ressalta a importância de fornecer dados qualificados para agentes de governo: “Isso também é serviço, entregar uma informação, uma literatura, para que alguém possa tomar uma decisão”, comenta, exemplificando com o SITE-MLog. Na avaliação dela, informações assertivas para tomada de decisão são ainda mais importantes quando elas dizem respeito à aplicação de recursos públicos escassos.

O resultado da análise do SITE-MLog compõe o Balanço Social da Empresa. Estão disponíveis no portal Embrapa os relatórios completos da avaliação de impacto do SITE-MLog em 2019 e 2020. Artigo sobre o trabalho integra o livro Via Viva, resultado do IV Seminário Socioambiental em Infraestrutura de Transportes. 

Fonte: EMBRAPA-TERRITORIAL.

E-MAIL: territorial.imprensa@embrapa.br



OS DESAFIOS DO AGRO

Ações movidas por lideranças do setor visam aproximar e reforçar o valor do Agro para novas gerações, das crianças aos jovens

Posicionar o Agro como uma das principais riquezas do Brasil e com um vasto campo de oportunidades para as novas gerações. Esse é um dos objetivos de iniciativas encabeçadas por profissionais, pesquisadores e líderes do setor que, de diferentes formas, tentam mudar a imagem que há anos tem sido disseminada, de forma errônea, entre crianças e jovens.

O produtor rural, por muito tempo foi estereotipado como o “Jeca Tatu”, o famoso personagem criado pelo autor brasileiro Monteiro Lobato, no livro Urupês. Na obra, o caipira é descrito como abandonado e vivia no atraso econômico e educacional. Nos últimos anos essa imagem retrógada do produtor vem mudando, já melhorou bastante, mas ainda há muito a ser feito.

Por outro lado, o produtor rural tem sido responsabilizado por atividades depredatórias, de desmatamento e de degradação do meio ambiente. É evidente que dentre os mais de cinco milhões de produtores rurais, há aqueles que desrespeitam as regras e cometem o ilícito, mas esses são poucos é a exceção e não a regra.

O Agro brasileiro evoluiu muito nas últimas décadas, superando obstáculos e mostrando todo o seu potencial e valor. Tudo graças ao espírito empreendedor dos produtores, desde os bens pequenos, que compõem a agricultura familiar, até os grandes. Também é importante dar o devido crédito aos pesquisadores e às indústrias que investiram para que o Agro se desenvolvesse e tivesse inovação e tecnologia de ponta empregadas no campo.

Um setor pujante, que atualmente é um dos pilares da economia do País, continuará a ter grandes desafios pela frente. Talvez, dentre esses desafios estejam: estimular, encantar e preparar as próximas gerações para liderar

e dar continuidade ao legado construído nas últimas cinco décadas.

Com o propósito de mudar a imagem distorcida e limitada sobre o Agro, o movimento “Todos a Uma Só Voz” vem desenvolvendo campanhas e atividades que têm ajudado a criar uma narrativa única e compreensível por todos, conectar a sociedade urbana ao campo e estimular a empatia da população pelos produtores.

O que não faltam são histórias para contar

“O Reino de Agrus” é uma série em áudio book que conta a lenda de um povo que tinha a agricultura e a pecuária como suas principais fontes de sobrevivência. É um storytelling que narra o cotidiano dos personagens e suas atividades, que buscam ajudar o povo do reino, com soluções que são originadas do agro.



A estória é contada em capítulos, que são baseados em uma cultura agrícola, um tipo de rebanho ou um segmento específico do setor. Além disso, aborda temas como sustentabilidade, meio ambiente e segurança alimentar, com uma linguagem leve e envolvente.

Na fase de pesquisas, planejamento e construção do Movimento “Todos A Uma Só Voz”, foram entrevistadas crianças, as quais receberam questionamentos sobre

como são produzidos o leite de caixinha e a batata frita. As respostas invariavelmente se limitavam a dizer “a mamãe compra no mercado”, mas não mencionavam a plantação e colheita da batata no campo e nem tampouco a ordenha das vacas, o que reforçou a importância de uma ação direcionada a esse público.

“Depois de muitas pesquisas e avaliações, tínhamos em mente que era necessário pensar em uma ação direcionada aos jovens, que mostrasse a importância do Agro para a vida de toda sociedade. Assim nasceu a ideia de levarmos essas mensagens de uma forma lúdica para envolvermos e engajarmos, tanto as crianças, como os jovens”, explica, Ricardo Nicodemos, que é um dos idealizadores do “Todos a Uma Só Voz”.

“O audiobook se tornou um poderoso recurso de comunicação que ajuda a mostrar a importância que o Agro tem em nossas vidas. Ao mesmo tempo em que é uma forma de destacar e valorizar o trabalho do campo, especialmente dos pequenos e médios produtores”, ressalta Nicodemos.

O Agro para estudantes

Em parceria com a Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP), o “Todos a Uma Só Voz” desenvolveu um compêndio intitulado “O Agro Para Estudantes”, direcionado a professores e pais de todo o Brasil, que lista em suas páginas 10 temas do agronegócio, para tornar o ensino mais atrativo.



O material tem, como base de produção, conteúdos desenvolvidos por dois importantes nomes do setor, os professores Xico Graziano e Marcos Fava Neves e pretende levar às escolas do país temas de relevância, que ajudarão a explicar a atuação e a importância do Agro para as novas gerações.

Ao longo do compêndio são explorados temas como cooperativismo no Agro, bem-estar animal, bioeconomia, agricultura digital, melhoramento genético e outros que ajudam professores e estudantes entenderem um pouco mais sobre as atividades do campo.

O material está disponível para download no site do Movimento “Todos a Uma Só Voz”, no link: <https://todosaumasovoz.com.br/site/#gallery-2>

“O setor do Agronegócio é um elemento fundamental para o futuro do Brasil e não podemos pensar em futuro sem pensarmos em educação. É importante reforçarmos que o produtor rural e o professor são duas profissões essenciais para as nossas vidas”, explica o presidente da FENEP, Prof. Ademar Batista Pereira.

Campanha para estimular a empatia dos jovens pelo campo

O Movimento também produziu um anúncio que incentiva a empatia e orgulho dos jovens pelos produtores e produtoras. “O anúncio mostra a importância de valorizar o Agro para as gerações futuras

e será veiculado em revistas parceiras”, explica Nicodemos.

Sobre o Todos a Uma Só Voz

Lançado oficialmente em fevereiro de 2021, o Movimento Todos a Uma Só Voz surgiu para conectar toda a cadeia produtiva do Agro. Ele conta com a ajuda de diversas associações, empresas e profissionais que trabalham unidos em prol de gerar e disseminar conhecimentos de boa qualidade e estimular a empatia da população urbana pelo campo e pelos produtores e produtoras.

O Movimento tem o apoio institucional da ESALQ-USP, ABAG, ABAGRP, ABCC, ABIA, ABIARROZ, ABIEC, ABISOLO, ABITRIGO, ABMRA, ABPA, ABRAFRUTAS, ABRALEITE, AGROLIGADAS, AIPC, AMA BRASIL, ANDA, ANDAV, APROSOJARO, ASBRAM, CECAFÉ, CICARNE, CLIMATEMPO, CONGRESSO DAS MULHERES, FENEP, GRUPO MULHERES DO BRASIL (COMITÊ AGRONEGÓCIO), IBÁ, IBRAHORT, LIGA DO AGRO, MKT DO AGRO, PECEGE, SAE BRASIL, SINDAN, SINDIRAÇÕES, SISTEMA OCB, SNA, YAMI. Tem o apoio comercial das empresas Agroline, Attuale, Coelho&Morello, Lamarca, RCom, RV Mondel, TrahLahLah e Companhia de Estágios. Tem diversos veículos de comunicação e o patrocínio da CropLife.

Para saber mais sobre o movimento, acesse: <http://www.todosaumasovoz.com.br>. 



GEOVANNA,
PACIENTE DA AACD.

Cada **DOAÇÃO** é um movimento.
Todo movimento é **INCLUSÃO**.

Movimento é inclusão

DOAÇÕES DE TELEFONE FIXO E PÓS-PAGO*:

0500 12345 05 - para doar R\$ 5*

0500 12345 20 - para doar R\$ 20*

0500 12345 40 - para doar R\$ 40*

*Telefone fixo: R\$ 0,39/minuto + impostos
Telefone móvel: R\$ 0,71/minuto + impostos

Doar faz bem para você também!

Acesse **teleton.org.br**,
faça um pix para
doeteleton@aacd.org.br
ou leia o QR Code:



**Acompanhe o programa Teleton
nos dias 23 e 24/11.**



Desperdício Brasileiro de Alimentos



O Brasil, quarto maior produtor mundial de alimentos e apontado como principal exportador do planeta na próxima década, mas ainda enfrenta sérios desafios relacionados ao desperdício.

De acordo com a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), das 140 milhões toneladas produzidas por ano, 26,3 milhões vão para o lixo. No mundo, o desperdício atinge 931 milhões de toneladas de alimentos por ano, seja na produção rural, seja na indústria, no supermercado, em feira livre, restaurantes ou mesmo na casa do consumidor. De acordo com os pesquisadores, caso esse problema não seja resolvido a tempo, o bem-estar das gerações futuras pode estar ameaçado, pois enquanto a população mundial aumenta, o desperdício não diminui. Logo, a segurança alimentar se torna uma questão cada vez mais urgente.

Para apontar ações que possam reduzir o prejuízo, uma pesquisa de doutorado realizada na UFSCar pela professora e pesquisadora Camila Moraes, sob a orientação de Andrea Lago da Silva, docente do Departamento de Engenharia de Produção (DEP), estudou as causas do desperdício de alimentos que ocorre entre fornecedores e supermercados e apontou que a própria cultura e a legislação brasileira, além da falta de comunicação entre diferentes setores da cadeia produtiva, contribuem para que milhões de toneladas de frutas, legumes e verduras sejam jogadas fora todos os anos.

Contato para essa pauta: Eduardo Sotto Mayor Telefone: (16) 33519074 Ramal: 9075

Novo Parque Gerador de Energia Eólica

Novo empreendimento da Neoenergia, denominado Parque Eólico Oitis, localizado nos municípios de Dom Inocêncio no Piauí e Casa Nova na Bahia teve o seu início antecipado para o segundo semestre de 2020 e no momento já foram concretados 39 das 103 fundações que irão receber os aerogeradores, o que corresponde a mais de 37% do total previsto.



O empreendimento será o maior do grupo no Brasil, com 12 parques que somam capacidade instalada de 566,5 MW, e tem operação comercial prevista para 1º semestre de 2022.

Além das obras civis dos parques eólicos nos dois estados, foram iniciados os serviços para a instalação da subestação Oitis – que teve a base dos transformadores concretada – e de uma linha de transmissão de 70 quilômetros de extensão, ambas com tensão de 500 kV. A linha servirá para levar a energia produzida até a subestação Queimada Nova II (PI), ponto de conexão do parque ao Sistema Interligado Nacional (SIN).

A Neoenergia é uma companhia de capital aberto com ações (NEOE3) negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo. É parte do grupo espanhol Iberdrola, e atua no Brasil desde 1997, estando presente em 18 estados brasileiros.

<https://www.neoenergia.com>

CAT Sorriso distribui cartilhas contra queimadas

A Associação Clube Amigos da Terra de Sorriso (CAT Sorriso) cidade localizada no Estado de Mato Grosso, está distribuindo 10 mil cartilhas em diversas instituições de ensino para levantar o debate sobre conscientização e prevenção contra o fogo.

Além da distribuição das cartilhas, as escolas também recebem uma palestra sobre o tema e são exibidos vídeos sobre os perigos das queimadas, estimulando debates entre alunos e professores.

A primeira leva de cartilhas, 7000 exemplares, foi distribuída para alunos do 1º ao 5º da rede municipal. Ao todo foram confeccionadas 10.000 cópias do material que também devem chegar a escolas particulares da cidade. Afinal, a conscientização e prevenção são os maiores aliados nessa árdua batalha contra o fogo.

Para saber mais, acesse: www.catsorriso.org.br



Bayer na agricultura digital

Na agricultura, tão importante quanto ter acesso às novas soluções e ferramentas é saber explorar ao máximo o potencial da tecnologia para ampliar os ganhos de produtividade e rentabilidade. Através da Universidade FieldView, empresa vai oferecer cursos completos sobre o tema para os agricultores.

A evolução do agro 4.0 acelerou ainda mais essa necessidade e há um esforço contínuo do agricultor em busca de melhorias. Para apoiar os produtores neste momento de transformação, a Climate FieldView™ - plataforma de agricultura digital da Bayer - vai oferecer cursos de capacitação sobre a digitalização no campo e o uso de ferramentas digitais, uma iniciativa inédita entre as empresas do setor.

A Universidade FieldView foi criada no fim de 2020 como uma forma de capacitar distribuidores e o público interno da Bayer. Agora, a iniciativa será expandida para qualquer interessado: produtores, consultores ou mesmo estudantes. Serão dois módulos iniciais, ambos de curta duração, 100% digitais e sob demanda: Introdução à Agricultura Digital e Plantio na Era Digital. Os cursos podem ser resgatados ou trocados por pontos pelo marketplace da Orbia.

Mais informações podem ser encontradas no site go.bayer.com/rpUFVXP2 ou www.bayer.com.br



ANUNCIANTES

Metalúrgica GOLIN	2ª Capa
Revista AgriMotor	19
AACD/Teleton	35
LARZINHO - Casa Jesus. Amor e Caridade	38

Gastronomia para empreender
Oficina de

Confeitaria

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO

AB | BRASIL



Empoderamento feminino para promover

educação



empregabilidade



geração de renda



São 111h de capacitação para 10 alunas em vulnerabilidade social, uma jornada de conhecimentos e vivências voltadas para a confeitaria e panificação.



Uma parceria que dá gosto!

11 3966-1925 / 3965-9226 / 97699-6236

www.larzinho.org.br



larzinhoosc